

Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.116 / NOVEMBRO DE 2016



PEDRO E O LOBO
**MÚSICA CLÁSSICA
PARA CRIANÇAS**

ENTREVISTA
ADÉLIA SAMPAIO, A
PRIMEIRA DIRETORA NEGRA
DE CINEMA NO BRASIL

MÚSICA
BRITÂNICO TRICKY
APRESENTA O TRIP HOP



BOAS HISTÓRIAS INSPIRAM E TRANSFORMAM PESSOAS. CONTE A SUA.

Todos os dias, no Sesc, pessoas transformam pessoas.
Chegou a hora do Brasil inteiro conhecer essas histórias.

**Conte uma história de transformação
que aconteceu no Sesc.**

Acesse sesc70anos.com.br

Sesc 70
anos

índice

DESTAQUES

- 4 A música que não tem idade
- 6 A criação em meio ao caos
- 7 Movimentos Sociais
- 7 Uma história de 300 anos

ENTREVISTA

- 8 Adélia Sampaio:
Uma cineasta debruçada
na janela do mundo

ARTIGO

- 12 “A (não) representação negra
no cinema” por Kênia Freitas

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Animação *Pedro e o Lobo* (França, 2013). Direção: Gordon, Corentin Leconte e Pierre-Emmanuel Lyet.

editorial

Para tocar e educar

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo



No Sesc, acreditamos que cultura e educação devem sempre caminhar lado a lado, pois são componentes indissociáveis para o desenvolvimento social e humano. Juntas, ampliam seu potencial transformador, promovem a diversidade e democratizam o acesso aos meios e processos de produção cultural e artística. A música, inserida nesse contexto, se mostra exemplar, sobretudo quando possibilita o afrontamento e a equivalência de conhecimentos eruditos e populares. Ela se constitui como linguagem universal, versátil e plural, comum a todos os povos, de todas as idades, do mais jovem ao mais velho.

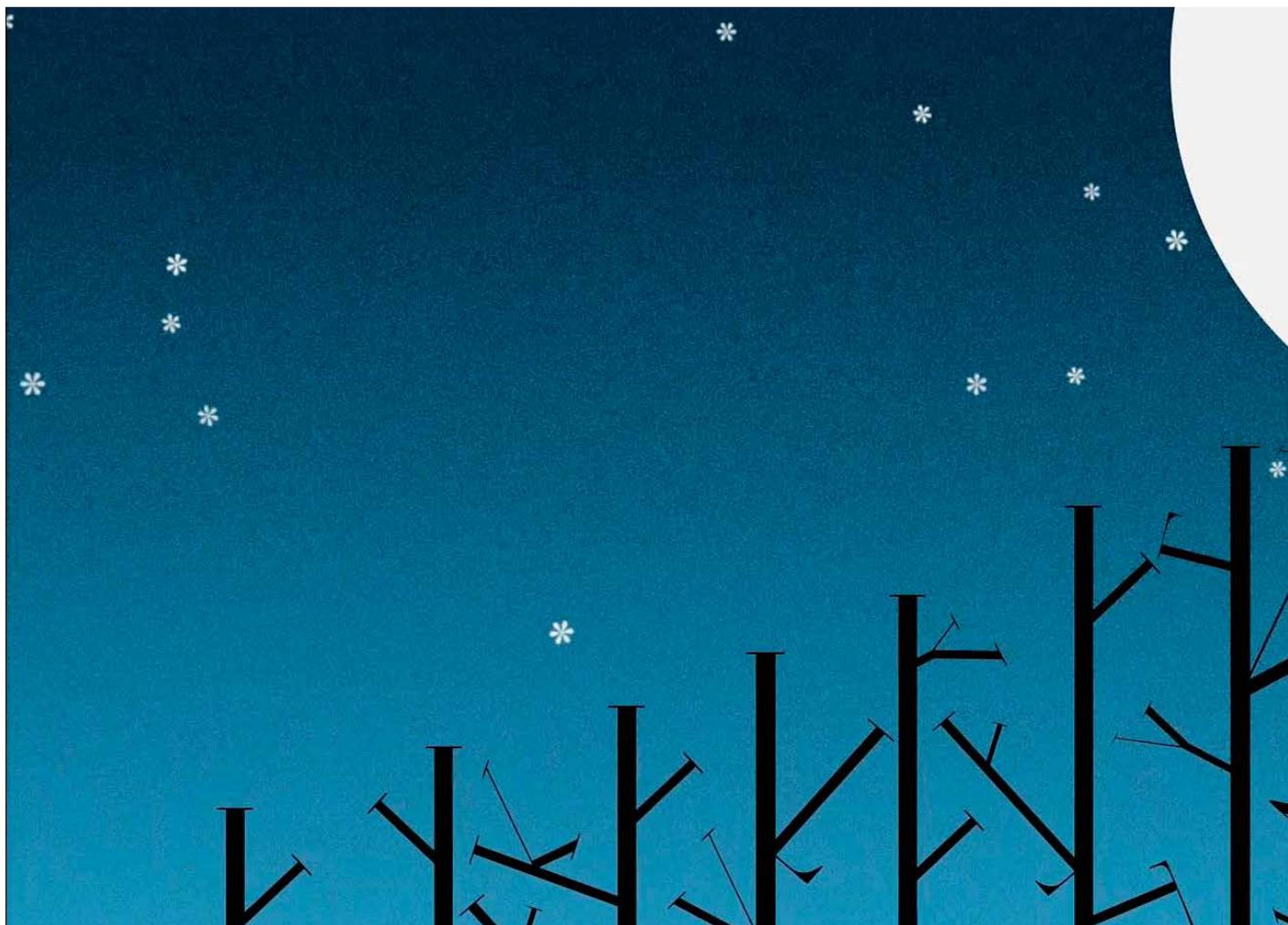
O senso comum define um padrão para as músicas infantis. Entretanto, há um universo de possibilidades que não se restringe a composições simplificadas voltadas a esse público. Este mês, o SescTV apresenta exemplos disso, através de três animações que aproximam a música clássica do público infantil. As obras *Pedro e o Lobo*, de Sergei Prokofiev, *O Carnaval dos Animais*, de Camille Saint-Saëns, e *As Quatro Estações*, de Antonio Vivaldi, são exibidas em versões inéditas, que recorrem à dramaturgia e à animação digital para apresentar conceitos musicais às crianças.

O canal exibe ainda o documentário *Piano - Uma história de 300 anos*, dirigido por Marcelo Machado e produzido pelo Selo Sesc. O cantor britânico Tricky, um dos precursores do *trip hop*, se apresenta em show gravado no Sesc Pompeia. Na série *Galáxias*, as manifestações populares no Brasil são retratadas no episódio *Movimentos Sociais*.

A Revista do SescTV de novembro traz entrevista com Adélia Sampaio, que conta sua trajetória e os desafios de ser a primeira diretora vvnegra do Brasil. O artigo da jornalista e pesquisadora Kênia Freitas reflete sobre a atuação e representação do negro no cenário audiovisual brasileiro. Boa leitura! ●

A música que não tem idade

Produções criativas reforçam o potencial educativo da música e revelam a versatilidade da arte que dialoga com todos os públicos



Musical *Pedro e o Lobo*. Direção: Gordon, Corentin Leconte e Pierre-Emmanuel Lyet.

A música é uma linguagem universal, representada e executada em sua pluralidade por todas as civilizações ao redor do mundo. Seu ensino existe desde a Grécia Antiga e estima-se que as primeiras orquestras tenham sido formadas no mesmo período. Para além de uma experiência puramente estética e contemplativa, o aprendizado musical contribui no desenvolvimento da inteligência humana e na

integração social, favorecendo tanto o desenvolvimento cognitivo e linguístico, quanto o psicomotor e socioafetivo, principalmente das crianças.

A potencialidade da música ultrapassa a simples fruição e apreciação do público, ao relevar papéis importantes da arte, sobretudo na educação. Nesse sentido, a música é capaz de atuar como facilitadora do processo de aprendizagem não apenas musical,

SESC TV EXIBE MUSICAIS FRANCESES QUE ABORDAM A MÚSICA CLÁSSICA ATRAVÉS DO UNIVERSO INFANTIL



FOTO: DIVULGAÇÃO

mas interdisciplinar, tornando o ambiente escolar mais agradável e receptivo a novos conteúdos, ampliando ainda o repertório cultural.

As histórias infantis também se valem da música para compartilhar conhecimentos e valores sociais. Da mesma maneira, o contrário pode acontecer, quando a música se utiliza da linguagem simbólica dos contos para se

aproximar das crianças e despertar o interesse para o aprendizado musical. É o caso da história de *Pedro e o Lobo*. Composta pelo russo Sergei Prokofiev, em 1936, a obra tem o objetivo pedagógico de apresentar às crianças as sonoridades dos diversos instrumentos de uma orquestra. Cada personagem é representada por um instrumento diferente.

Pedro e o Lobo ganhou várias versões para cinema, teatro e televisão, e já foi executada por músicos de diversos países. Este mês, o SescTV exibe a versão produzida e dirigida, em 2013, pelos franceses Gordon, Pierre-Emmanuel Lyet e Corentin Leconte. A produção mescla personagens reais a animações digitais, criadas com símbolos tipográficos e musicais. O pássaro, amigo de Pedro, é representado pela flauta, o pato pelo oboé, o gato pelo clarinete e o avô pelo fagote. Os tiros de espingarda dos caçadores são representados pelos sons percussivos dos tímpanos. O lobo é representado pela trompa e Pedro, o herói, é representado por um garoto e seu violino, acompanhado por outros instrumentos de corda dos músicos da Orquestra Nacional da França.

Outra produção francesa que utiliza a mesma técnica é *O Carnaval dos Animais*, com direção de Andy Sommer e Gordon. A obra é a adaptação do espetáculo de Camille Saint-Saëns, produzida em 1886, e retrata a história de diferentes animais que vão a uma festa de carnaval.

Os concertos para violino e orquestra, compostos em 1723, pelo italiano Antonio Vivaldi, também ganharam sua versão infantil na França, na produção *As Quatro Estações de Antônio*, dirigida por Phillippe Béziat e Gordon, em 2012. O musical conta a história de Antônio, um garoto que passa as tardes no ateliê de seu avô, luthier de violinos, que lhe dá de presente, pelo seu aniversário de 10 anos, um livro encantado que, ao ser aberto, toma o ambiente com a composição de Vivaldi. ●



CARNAVAL DOS ANIMAIS

DIA 12, 20H30

Direção: Andy Sommer e Gordon
Classificação: Livre

PEDRO E O LOBO

DIA 19, 20H30

Direção: Gordon, Corentin Leconte e Pierre-Emmanuel Lyet
Classificação: Livre

AS QUATRO ESTAÇÕES DE ANTÔNIO

DIA 26, 20H30

Direção: Phillippe Béziat e Gordon
Classificação: Livre



Assista ao teaser dos curtas:





FOTO: DIVULGAÇÃO

A criação em meio ao caos

Um dos expoentes do trip hop, o cantor britânico Tricky apresenta seu repertório de experimentações em show inédito no Brasil

A reação ao preconceito e à desigualdade social ultrapassa fronteiras culturais e cria movimentos estéticos que caracterizam e evidenciam situações limites. Para o rapper e produtor Tricky, “são os tempos difíceis e o caos que promovem a boa música”. Dono de um espírito livre e personalidade forte, o artista faz de suas composições um reflexo de sua história.

Nascido em Bristol, na Inglaterra, em 1968, Tricky teve uma infância conturbada. Abandonado pelo pai antes do seu nascimento, o pequeno Adrian Nicholas Matthews Thaws, como foi registrado, cresceu aos cuidados de sua avó, após o suicídio da mãe. Ele tinha apenas quatro anos. Na adolescência, se juntou a um grupo envolvido em roubo de carros e assaltos e chegou a ser preso, experiência que nunca mais repetiria. Seu

temperamento lhe rendeu o nome Tricky – em inglês, complicado, difícil.

Começou a compor ainda adolescente. No final dos anos 1980, passou a fazer experimentações musicais com amigos que uniam hip-hop, jazz e soul. Assim nasceu a banda Massive Attack, cujo primeiro álbum *Blue lines* foi responsável pela popularidade do trip hop, na década de 1990. Em carreira solo desde 1995, Tricky lançou 12 discos, criou seu próprio selo, o *False Idols*, e acredita cada vez mais na potência e legitimidade de seu trabalho. “Eu talvez não possa mudar muita coisa, mas pelo menos terei uma voz”. Em passagem pelo Brasil em 2015, ele se apresentou durante o *Festival Nublu Jazz*, no Sesc Pompeia. O show inédito do cantor é exibido este mês, no SescTV. ●



TRICKY,
DIA 16, 22H

Direção para TV:
Daniel Pereira.
Classificação: Livre.

FOTO: MÍDIA NINJA



FOTO: DIVULGAÇÃO



Movimentos Sociais

DIA 9, 21H. Galáxias. Direção: Isa Grinspum Ferraz.
Classificação: 10 anos.

A origem das manifestações no Brasil é bem mais antiga do que se pensa. “Este é um país onde existiam quilombos. Este é o país da maior rebelião antiescravagista urbana de todas as Américas: A *Revolta dos Malês*, em 1835. Esse é o país de larga história de sublevações”, recorda o jornalista Mário Magalhães. O líder do MST, Jaime Amorim, explica que muitos movimentos, como o dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, são constituídos de ações radicais importantes. “Essas ações muitas vezes não são aceitas pela população, mas são necessárias, pois é a partir delas que há repercussão e valorização.” O antropólogo Antonio Risério defende essa conduta: “Tem hora que é preciso ocupar o espaço público e criar um problema ali. Porque aí, sim, o mundo toma conhecimento disso”. Em contrapartida, o filósofo Francisco Bosco aponta que a repressão sofrida por manifestantes é fruto da falta de diálogo entre o povo e o Estado. “Se a liberdade de expressão, e toda essa movimentação simbólica, não encontra efetivação real, ela vai continuar explodindo pontualmente. Ela vai aparecer de novo na sociedade, da pior maneira. Na maneira da violência”. Os movimentos populares no Brasil são discutidos esse mês, em episódio da série Galáxias. ●

Uma história de 300 anos

DIA 26, 22H. Documentário. Direção: Marcelo Machado.
Classificação: Livre.

Para o crítico musical João Marcos Coelho, o piano reina absoluto desde sua invenção, em 1700. “É o instrumento de maior tessitura entre todos, substitui uma orquestra sinfônica inteira e está presente em todo tipo de música, da clássica à popular, nas casas, salas de concerto e no dia a dia de todos nós”, afirma. Entre os anos de 1780 e 1820, o piano consolidou sua hegemonia na música, graças a Haydn, Mozart e Beethoven. Com o passar do tempo, foi ampliando seu alcance, flertando com gêneros populares. O compositor norte-americano John Cage, por exemplo, impulsionou a versatilidade do piano ao utilizar, em 1938, o conceito do “piano preparado”, que explorava a sonoridade percussiva do instrumento ao introduzir objetos variados, como moedas e parafusos, para produzir novos efeitos sonoros. O experimentalismo de Cage popularizou o piano e reforçou sua condição original de instrumento de percussão. A importância histórica e cultural do piano é tema do documentário *Piano - Uma história de 300 anos*. Dirigida por Marcelo Machado, a produção apresenta ainda quatro concertos: *Do cravo ao piano*, com Rosana Lanzelotte; *O piano clássico*, com Eduardo Monteiro; *O piano romântico*, com Maria José Carrasqueira (foto) e Antônio Carlos Carrasqueira; e *O piano hoje*, com André Mehmari. ●

ADÉLIA SAMPAIO. DIRETORA DE CINEMA.

A trajetória e os obstáculos da primeira mulher negra a dirigir um filme no Brasil

Uma cineasta debruçada na janela do mundo



Desde a primeira vez que foi ao cinema, Adélia Sampaio havia decidido que era aquilo que queria fazer. Assim que deixou a mineira Belo Horizonte, sua cidade natal, e chegou ao Rio de Janeiro, aos 13 anos de idade, sua irmã mais velha a levou para assistir *Ivan, o Terrível*. A sensação foi a de mergulhar na tela, num universo mágico e cheio de possibilidades, mais para os outros que para ela. Mulher, negra e de origem pobre, trabalhou duro, fez contatos, conheceu amigos e criou oportunidades para ser a primeira negra brasileira a dirigir um filme, mesmo sem espaço, reconhecimento ou lembrança, em uma área que, durante muito tempo, foi dominada por homens brancos de classe média e alta. Hoje, aos 72 anos, seu nome volta a ser lembrado e impulsiona seu desejo de continuar produzindo.

O que a levou a trabalhar com cinema?

Para mim, cinema é a janela do mundo e eu queria me debruçar sobre essa janela. Esse era o meu sonho. Um delírio, na verdade, porque não era nada fácil. Já adulta, desquitada e com dois filhos para criar, comecei a perceber que esse meu delírio teria que ser mesclado com muita responsabilidade. Eu trabalhava no comércio. Após o golpe de 1964, minha irmã se tornou contadora em uma produtora de cinema, a Difilm. Em 1968, ela me conseguiu uma vaga de telefonista lá. Foi uma loucura. Tinha de passar ligações para um monte de gente, num telefone que, para dar linha, levava horas. Mas eu estava feliz de ouvir as conversas e os sonhos de todas aquelas pessoas do

cinema, com várias ideias brilhantes, outras nem tanto. Com o tempo, fui assumindo responsabilidades na empresa, como a agenda de cineclubes, o faturamento da produtora e a assessoria do Mário Falaschi, que fazia o meio de campo entre a galera do Cinema Novo e os exibidores.

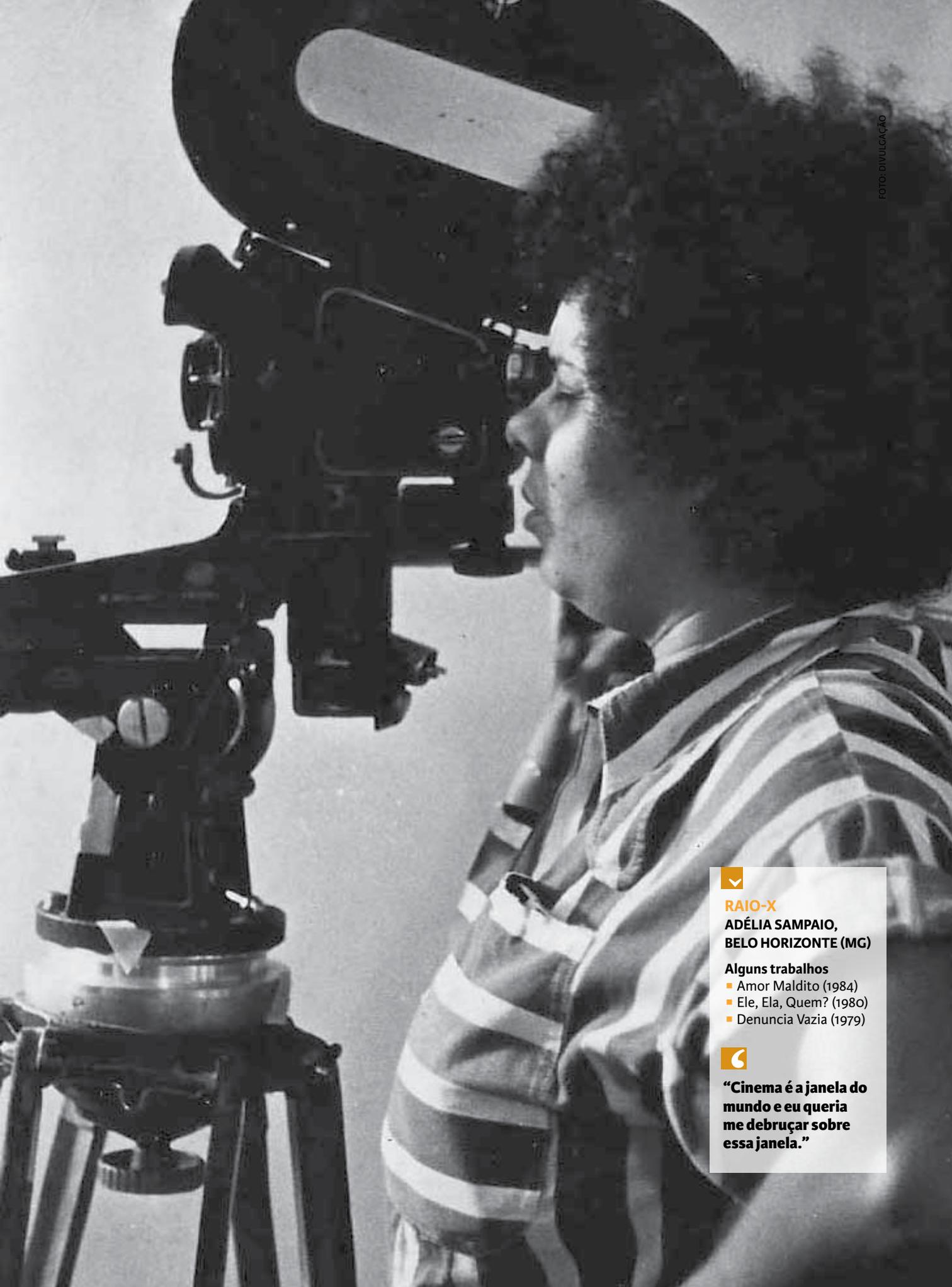
Onde aprendeu a fazer cinema?

Não tive formação acadêmica. Sequer tive chance de concluir o segundo grau. Minha mãe era empregada doméstica e me dizia sobre meu sonho: “Filha, quando se debruçar na janela do mundo me chame”. Então, eu fui me debruçar e me formei na escola do set. É lá, no set de filmagens, que percebemos se o plano resulta ou não. Durante minha trajetória, colecionei amigos em diversos setores do cinema. Adorava ouvir o cineasta Zé Medeiros falar da textura dos filmes. Nos tornamos grandes amigos, ele faleceu em meus braços. Zé foi muito importante para mim. Trocávamos receitas de quitutes e ele me ensinava o que não se deve fazer em um filme. Tive acesso também ao professor Eduardo Leone, da USP, com quem aprendi o segredo da montagem, de como guiar uma moviola, e noções básicas de roteiro. Quando larguei a Difilm, fui para a produtora de Willian Cobbett. Ali, convivi com muitos diretores, cada um com seu saber. Fui juntando conhecimento de uns e genialidade de outros.

Como foi para você, mulher e negra, fazer cinema nas décadas de 1970 e 1980?

Olha, não foi nada fácil. Na época, usava cabelo





RAIO-X
ADÉLIA SAMPAIO,
BELO HORIZONTE (MG)

- Alguns trabalhos**
- Amor Maldito (1984)
 - Ele, Ela, Quem? (1980)
 - Denuncia Vazia (1979)



“Cinema é a janela do mundo e eu queria me debruçar sobre essa janela.”



“O cinema é uma arte elitista, então para uma preta, pobre, sem formação acadêmica e filha de empregada doméstica, querer ser diretora é uma ousadia.”

“Fui tirada do armário junto com as vassouras velhas, por uma historiadora que, em pesquisa, descobriu que sou a primeira afrodescendente a dirigir um longa-metragem no Brasil.”

»»

black e, sempre que eu entrava na Embrafilme, os funcionários me olhavam com certa estranheza. Ajudou muito eu ter trabalhado ao lado do Mário Falaschi, porque através dele conheci pessoas-chaves, que facilitavam meu trânsito. Mas Mário dizia: “Penteia esse cabelo, Adélia!” Eu sorria. Sempre me orgulhei de minha cor. O cinema é uma arte elitista, então para uma preta, pobre, sem formação acadêmica e filha de empregada doméstica, querer ser diretora é uma ousadia.

Como escolhe os temas dos seus filmes?

Em geral, todos meus trabalhos têm como referência notícias lidas de jornais. Meu primeiro curta-metragem *Denuncia Vazia*, por exemplo, trata de um casal de velhinhos que, com dívidas no carnê de INPS, recebe uma denúncia vazia, procura um advogado e descobre que a lei é perversa. Sem saída, os dois voltam para casa, tomam um chá e se suicidam deixando um bilhete. Quando soube dessa história, fiquei revoltada e liguei para Rodolfo Arena, perguntando se aceitaria fazer o papel. Prontamente ele respondeu que faria e não cobraria. Chamei Catalina Bonaki para fazer a velhinha, e ela topou. Conseguimos um escritório no Largo do Machado, no Rio de Janeiro. Pedi que Regis Monteiro fizesse a cenografia, juntei o meu povo e em dois dias rodamos.

Você foi a primeira mulher negra a dirigir filmes no Brasil, mas pouco se fala sobre você. A que se deve isso?

Sinto que estão sempre tentando apagar a minha história e estou sempre reescrevendo ela.

Guardei os negativos dos meus curtas no MAM, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e eles desapareceram. Creio que se Cosme Alves Netto, ex-diretor da Cinemateca do MAM, estivesse vivo, ele moveria fundos para encontrar meus materiais. Era uma das pessoas mais lindas e sem preconceitos que conheci, um grande incentivador de pessoas ousadas como eu.

Em 1984, você dirigiu *Amor Maldito*, um filme com temática lésbica baseado em uma história real. Como foi a repercussão do público e da crítica?

Para conseguir exibir o filme em São Paulo, tive que travestir o filme de pornô. Na ocasião, o exibidor me disse: “Adorei o filme, mas estamos na era do pornô!” Conversei com os atores e, com o consentimento deles, lançamos. Leon Cakoff não gostou do que fizemos e sua crítica falou exatamente do absurdo de travestir o filme, mas foi a maneira que encontramos para que fosse exibido na cidade. Já no Rio, não tivemos problema. Foi uma maravilha. Ele foi exibido nos cinemas da Cooperativa, programados por minha irmã, durante a gestão do Leon. Fomos convidados para exibi-lo também no Festival de Cinema Gay de São Francisco, mas, para o filme sair, tínhamos que conseguir uma passagem, pela Embrafilme. Foi punk. Entreguei toda a papelada e, para minha surpresa, mandaram o filme *Asa Branca*, que não abordava sequer a temática. Mais uma vez, entendi que ser pobre e preta no cinema dá nisso. Para realizar *Amor Maldito*, contei com o sistema de cooperativa entre todos os participantes. Tive a honra de a



ADÉLIA SAMPAIO EM TRÊS MOMENTOS



■ *Amor Maldito* (1984). Direção: Adélia Sampaio.



■ *Ele, Ela, Quem?* (1980). Direção: Luiz de Barros. Produção: Adélia Sampaio.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Denúncia Vazia* (1979). Direção: Adélia Sampaio.

segunda câmera ter sido feita por Zé Medeiros. No fim, deu tudo certo. O filme, na segunda praça, já havia sido pago.

Como você vê a presença e representatividade do negro no mercado cinematográfico brasileiro?

Tanto uma como outra são fraquíssimas. Na cabeça de muitas pessoas, preto é para fazer parte da turma da pesada, fazer trabalho braçal, pegar peso e aceitar ordens. O Cinema Novo foi responsável pelo surgimento de diversos pretos na ala artística. No último Festival de Cinema do Rio, assisti ao filme *Cinema Novo*, dirigido por Eryk Rocha, filho de Glauber, e fiquei surpresa e feliz ao ver uma preta no palco como coordenadora de produção. Da plateia, senti orgulho por ela, percebendo que a caminhada é lenta, mas um dia isso vai mudar.

Há espaço para a mulher no audiovisual?

Hoje, temos mulheres mostrando a sua cara, a sua arte e seu pensamento, mas, é claro, em um espaço cavado arduamente. Um dos meus próximos projetos, inclusive, fala sobre isso. Alerto para o detalhe de que, na era pós-Collor, quem reaqueceu o cinema brasileiro foram as mulheres.

Aos 72 anos, você continua na ativa. Consegue fazer um balanço de sua trajetória?

Sim. Sigo na estrada e a estrada segue. Minha idade me faz crer que vale a pena. Criei dois filhos, hoje bem sucedidos. Realizei os filmes que acreditei e farei outros. Consegui debruçar na minha tão sonhada janela e fico triste por minha irmã não estar entre nós. Ela ficaria orgulhosa e feliz. Recentemente, fui tirada do armário junto com as vassouras velhas, por uma historiadora que, em pesquisa, descobriu que sou a primeira afrodescendente a dirigir um longa-metragem no Brasil. Essa informação tem me feito viajar, exibir meu trabalho e debater as dificuldades do ontem e do hoje. O meu filme *Amor Maldito*, de 1984, discute homofobia, violência doméstica, religião e a violência dos tribunais. São temas atuais. Descobri que o que me levou a fazer o filme na época mudou muito pouco. Eu me preocupo com as emoções e os seres humanos, e é neles que levo fé. ●

A (não) representação negra no cinema

Kênia Freitas é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Mídias pela Universidade Estadual de Campinas, graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo, e pesquisadora no campo do documentário e de novas tecnologias

por Kênia Freitas stencil Amanda Lopes

Há cerca de 100 anos, o cinema narrativo clássico começava a se estabelecer em Hollywood, nos Estados Unidos da América. Se o cinema, como curiosidade e espetáculo popular já existia há algumas poucas décadas, essa forma hoje convencional de se contar as histórias e encadear os blocos de imagens (por cortes, movimentos de câmera e fusões entre as cenas) estabelece-se apenas no início da década de 1910 e o seu marco histórico foi o filme *O nascimento de uma nação* (*The Birth of a Nation*, 1915) dirigido por D. W. Griffith.

O filme acompanha a saga de duas famílias brancas do sul dos EUA durante e depois da Guerra de Secessão: guerra civil estadunidense entre estados do norte e do sul, ocorrida entre 1861-1865, resultando na vitória do norte e na abolição da escravidão por todo o país. Para além das suas inovações de linguagem que lhe renderam reconhecimento crítico e esse lugar cativo na história do cinema, *O nascimento de uma nação* é um marco também como propaganda de ideologia racista. Na trama, os personagens negros são representados por atores brancos usando maquiagem, técnica preconceituosa comum na origem do cinema conhecida como “*black-face*” (face negra). Tais personagens negros são mostrados como animais, pouco inteligentes e como predadores sexuais das mulheres brancas. A solução apresentada no roteiro para preservar a integridade familiar é a intervenção da Ku Klux Klan (conhecida como KKK, movimento extremista de supremacia branca) caçando, julgando e exterminando a “ameaça do homem negro”. Assim, para além dos danos subjetivos provocados por uma representação racista, o filme ficou diretamente relacionado com o ressurgimento da KKK

em diversos estados dos EUA, por audiências influenciadas pela narrativa.

Falar atualmente de *O nascimento de uma nação*, mais do que lembrar uma historinha ou um deslize pontual no surgimento do cinema como indústria, é uma forma de perceber como o cinema não nasce ideologicamente neutro. As artes e as tecnologias são frutos do trabalho e das relações humanas que se dão em sociedade, influenciadas por fatores econômicos, históricos e estruturais que organizam essa sociedade. Assim, o primeiro filme narrativo clássico não é racista por um equívoco de seus produtores e diretor; ele o é porque o pensamento destes estava de acordo com os parâmetros dos artistas, dos financiadores, dos distribuidores da arte e de grande parte do seu público naquela época. Se o movimento afro-americano boicotou e denunciou o filme no período, tais ações não foram suficientes para atingir o prestígio crítico e lucro comercial da obra.

E essa predominância histórica da ideologia racista desde o estabelecimento do cinema como forma artística e narrativa muito tem a dizer sobre a realidade da representação do negro na tela grande ainda atualmente. Se nas terras de Griffith, Hollywood não tolera mais discursos e tramas tão abertamente preconceituosas, a indústria de entretenimento continua sob pressão por representação e reconhecimento dos atores, das atrizes, das diretoras e diretores negros – um dos casos mais recentes foi o boicote proposto à premiação do Oscar, em 2016, após o anúncio dos concorrentes de que não figurava nenhum artista negro nas categorias principais.

No Brasil, o cenário atual da representação

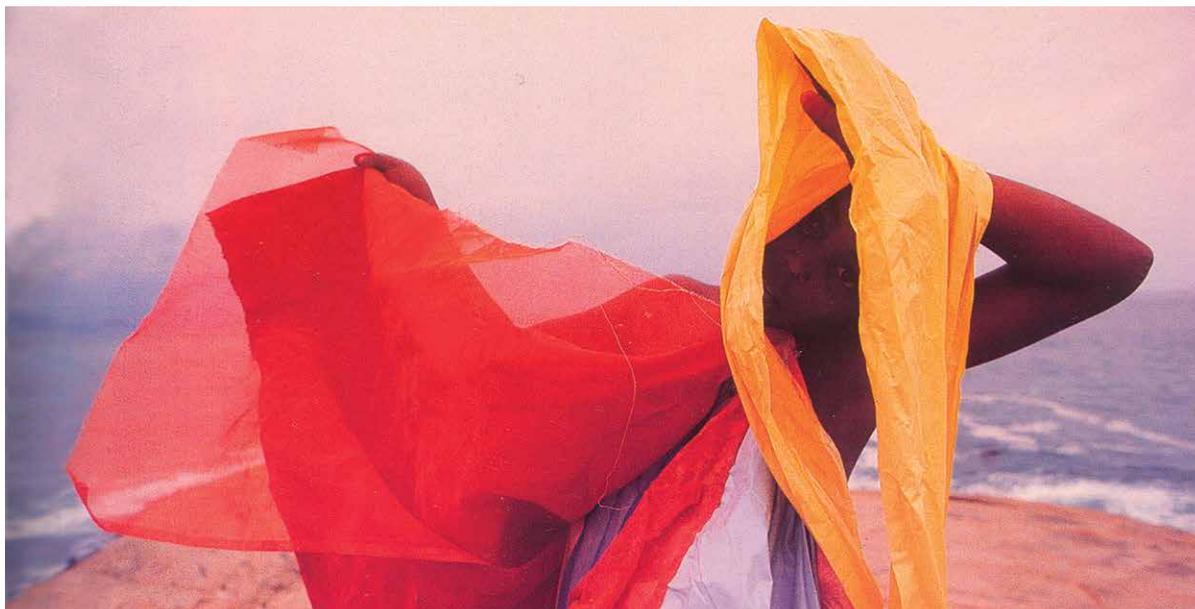
negra no cinema comercial é ainda mais preocupante. A ausência de negros nos filmes nacionais pode ser facilmente percebida por qualquer espectador atento. Essa baixa representação é demonstrada por pesquisas como a “A cara do cinema nacional: perfil de gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)”, feita pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Para entender os números da pesquisa vamos ter em mente que metade da população do Brasil se declara preta ou parda (segundo dados oficiais do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e que chamamos de negro a junção dos dois grupos. Então, nos filmes nacionais de maiores bilheteria exibidos entre 2002 e 2012, no elenco principal: 14% eram homens negros e 4% mulheres negras. E se na frente das câmeras é ruim, atrás a situação é ainda pior. Os homens negros representam 4% dos roteiristas e 2% dos diretores desses filmes. Nenhuma mulher negra dirigiu ou escreveu nenhum dos filmes levantados pela pesquisa. Nenhuma. Não precisa entender muito de matemática para perceber a desigualdade entre o número de negros no país e o seu envolvimento e representação no cinema comercial.

E onde estão então as diretoras e os diretores negros? As roteiristas e os roteiristas negros? As atrizes e atores negros? A resposta é: em sua

grande maioria fora do cinema comercial, nas trincheiras do cinema independente. Nessas trincheiras de resistência e criatividade vimos surgir nos últimos anos algumas iniciativas importantes, como o curta-afirmativo do Governo Federal (edital que desde 2012 financia filmes de curta duração dirigidos ou produzidos por jovens negros) e a criação do portal Afroflix, pela diretora negra Yasmin Thayná (plataforma que disponibiliza via internet filmes produzidos, dirigidos, escritos e/ou protagonizados por pessoas negras).

Esses projetos nos mostram que o aumento da representatividade negra no cinema nacional passa de forma fundamental por rearranjos na cadeia de financiamento e distribuição dos filmes. E nos lembram que, em uma arte industrial e tecnológica como o cinema, a luta por representação é acima de tudo um embate político e econômico. Até porque, sendo o cinema fruto do trabalho e das relações humanas em sociedade, com influências econômicas, históricas e estruturais, apenas o nascimento de novas bases irá alterar essas relações. Nesse ponto, então, mais do que representação do negro no cinema, poderemos falar da experiência negra nos filmes – ou seja, dos negros na frente e atrás das câmeras não como fato raro, mas como algo comum. Ponto em que teremos o renascimento de uma forma artística. ●





dia 05, 14h30

HÉLIO OITICICA. Artes Visuais. Direção: Cacá Vicalvi. Classificação: Livre.

Em sua essência, forma e ideologia, a obra de Hélio Oiticica, ícone do Neoconcretismo, ultrapassa a divisão entre artista e espectador, ao propor interatividade e liberdade. Neste mês, Oiticica e artistas do Concretismo e do Tropicalismo são temas de programas que discutem a contracultura no Brasil.

dia 13,
21h30

LUDERE

Instrumental Sesc Brasil.
Direção: Max Alvim.
Classificação: Livre.

De uma amizade que começou em Paris, entre Philippe Baden Powell e Rubinho Antunes, surgiu a primeira parceria que formaria, anos mais tarde, com a entrada de Daniel de Paula e Bruno Barbosa, o quarteto de jazz contemporâneo Ludere. No palco do Teatro Anchieta, eles apresentam composições próprias e fazem uma homenagem à música brasileira e ao violinista Baden Powell, pai de Philippe.

dia 20,
16h

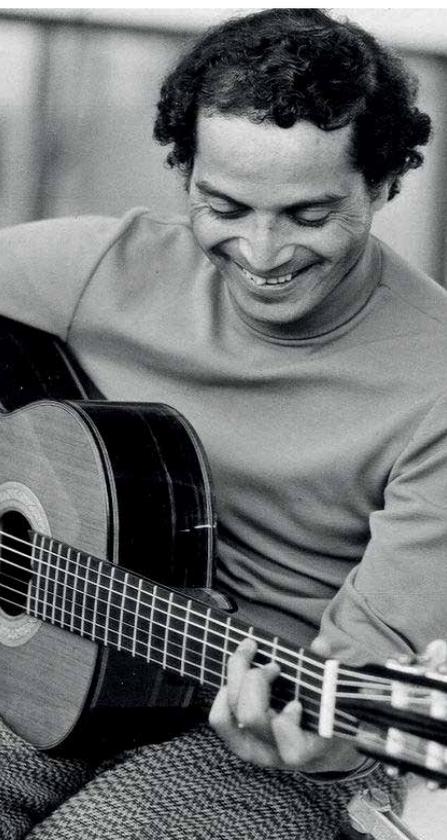
**TEATRO DA
NEGRITUDE**

Teatro e Circunstância.
Direção: Amílcar M. Claro.
Classificação: 12 anos.

Desenvolvendo ações contra a discriminação e estimulando a representatividade e o orgulho dos afrodescendentes, diversos grupos discutem o papel do negro no teatro contemporâneo e suas características estéticas e culturais. No Dia da Consciência Negra, o episódio da série *Teatro e Circunstância* apresenta a expressão cênica e a história do Teatro da Negritude.



FOTO: DIETER HOPF



**dia 14,
19h**

**BADEN POWELL:
50 ANOS DOS AFRO-
-SAMBAS**

Musical Obra Viva Baden Powell 1 e 2. Direção para TV: Antonio Carlos Rebescos. Classificação: Livre.

Em 1966, Baden Powell e Vinícius de Moraes lançavam o LP *Os Afro-Sambas*, divisor de águas na música brasileira. O álbum mesclava elementos do samba e da música africana em composições que abordavam religião e cultura afro. Em comemoração aos 50 anos do disco, o SescTV exibe o show gravado no Sesc Pompeia, que contempla essa e outras obras de Powell. O tributo conta com a participação de Ymandu Costa, Marcel Powell, Paula Morelenbaum entre outros.

**em 2017
INGRID**

Direção: Maick Hannder. Classificação: 16 anos. A partir de depoimentos e do estudo imagético do próprio corpo, Ingrid, uma mulher transexual, reflete sobre sua imagem e revela um pouco de sua realidade. Filmado em preto e branco, o curta-metragem recebeu o Prêmio SescTV de Melhor Filme, durante a 16ª edição do Goiânia Mostra Curtas, e será exibido no canal em 2017.



FOTO: DIVULGAÇÃO



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essfelder

REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray e Marilu Vecchio



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sesc.tv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sesc.tv.org.br



[/sesc.tv](http://sesc.tv)



Baixar grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em

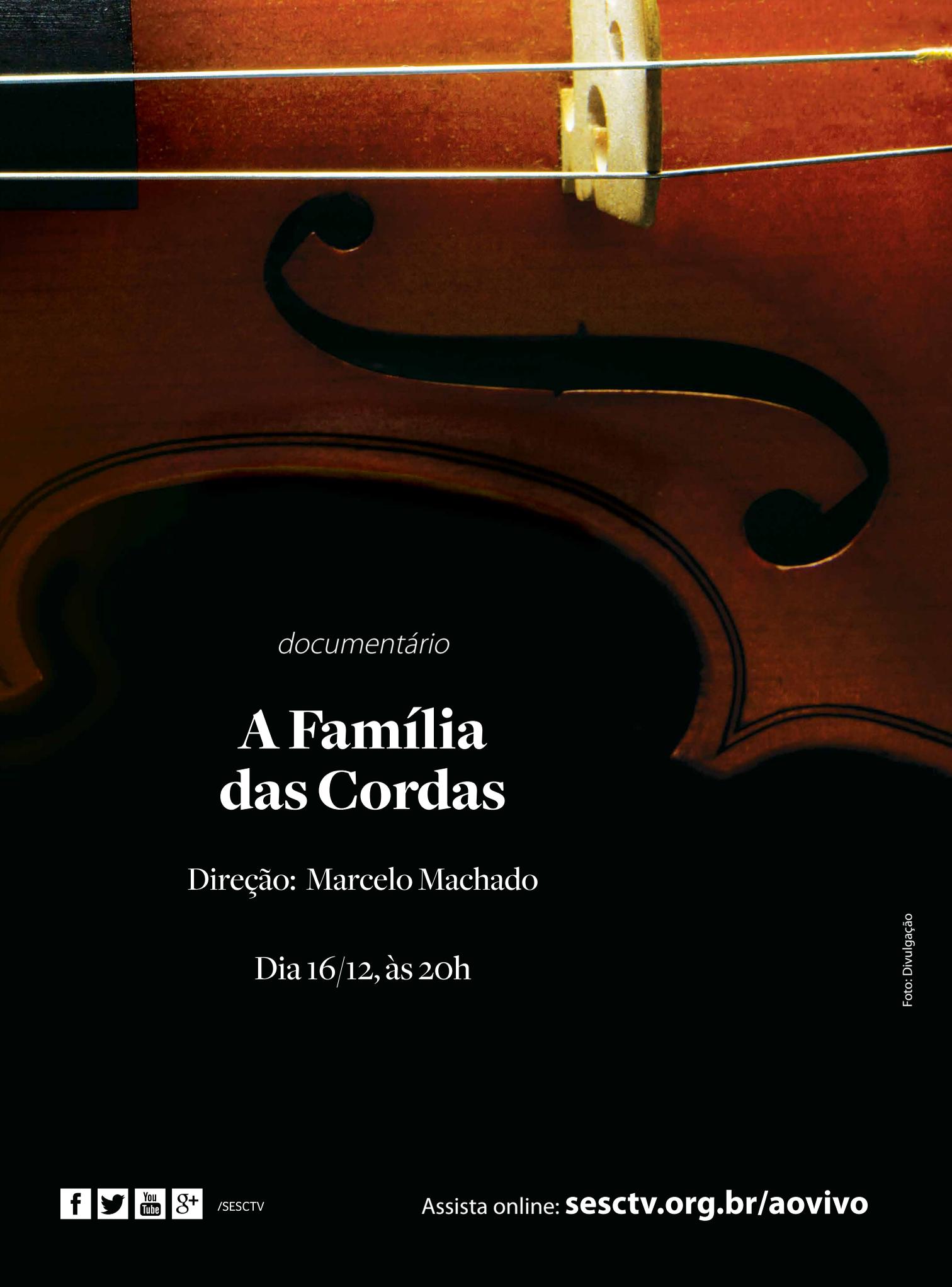


Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sesc.tv.org.br

Leia as edições anteriores em: sesc.tv.org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado





documentário

A Família das Cordas

Direção: Marcelo Machado

Dia 16/12, às 20h

Foto: Divulgação



/SECTV

Assista online: sesctv.org.br/aovivo